

O RIGOR METODOLÓGICO EM PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

THE ACCURACY OF LITERATURE RESEARCH METODOLOGY¹

Zoia Prestes²

RESUMO: Este artigo discute, com base em algumas ideias de Lev Semionovitch Vigotski, a questão do método na realização de pesquisas científicas. Aborda também alguns pontos sobre a metodologia em trabalhos teóricos e apresenta reflexões a respeito da pesquisa realizada na tese de doutoramento da autora. Além de defender a importância do rigor em pesquisas teóricas, o artigo afirma a possibilidade de criação na escolha do método.

ABSTRACT: This paper discusses, based on some ideas of Lev Semionovitch Vygotsky, the issue of method in scientific research. Addresses some questions about the methodology of theoretical works and presents reflections on the research conducted in the author's doctoral thesis. In addition to advocating the importance of accuracy in theoretical research, the article shows the possibility of creation in the choice of method.

PALAVRAS-CHAVE: Método. Pesquisa bibliográfica. Teoria histórico-cultural. Vigotski.

KEYWORDS: Method. Bibliographic research. Historical-cultural theory. Vygotsky.

O tema que se apresenta para discussão neste artigo é desafiador. Pode-se dizer que ele revela tanto a necessidade de se refletir a respeito de realização de pesquisas bibliográficas, quanto sobre o rigor metodológico em trabalhos que assim se qualificam. É importante dizer que o presente artigo está calcado nas ideias de Lev Semionovitch Vigotski. Essa decisão está intimamente ligada aos estudos que venho realizando, nos últimos anos, sobre e com as obras desse pensador. Vigotski escreveu vários textos nos quais discute a questão do método de pesquisa e algumas de suas obras são autênticas aulas de como realizar pesquisas bibliográficas.

Na biografia de Vigotski, escrita por Guita Vigodskaja, sua filha, e Tamara Lifanova, há uma passagem muito interessante. Certa vez, perguntaram a Vigotski a respeito do que, na visão dele, seria o melhor método: o laboratorial ou experimental. Sua resposta foi a seguinte:

é o mesmo que discutir se o melhor é uma faca ou um martelo. O método é sempre um meio, o método é sempre um caminho. Seria possível dizer que Moscou - Leningrado é o melhor caminho? Caso se esteja querendo ir para Leningrado, então, é claro que sim. Mas, caso se esteja querendo ir para Pskov, esse é o pior caminho (VIGODSKAIA & LIFANOVA, 1996, p. 123).

Parafraseando Vigotski, podemos indagar: seria Brasília - Rio de Janeiro o melhor caminho? Se o destino final é a cidade maravilhosa, então sim, mas se for São Paulo, não. As palavras de Vigotski são sábias e revelam que, por mais que tentemos definir previamente o caminho que vamos seguir rumo ao objetivo que desejamos alcançar, o mais importante é aonde se quer chegar, e o percurso, ou o método, está rigorosamente relacionado às principais características da pesquisa

¹ Texto integral de aula inaugural dos Programas de Pós-graduação em Educação e em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia/UFU proferida no dia 16/08/2011, às 09h00 - Auditório 3Q – Campus Santa Mônica.

² Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: ZoiaPrestes81629891z@gmail.com

ou do estudo que se pretende realizar para a investigação da hipótese que foi apenas indicada. Antes de escolhermos o caminho que iremos percorrer, é preciso ter clareza do ponto final. Para isso, precisamos ter dúvidas e não certezas, pois são as perguntas que elaboramos que guiam nosso trabalho e nos auxiliam na escolha dos caminhos.

Atualmente, é muito recorrente na academia estabelecer uma diferenciação rígida entre pesquisas qualitativas e quantitativas. Será que isso amplia as possibilidades de uma investigação ou é a clara intenção de vestir uma camisa de força nos nossos questionamentos? Ao invés de desvendar o *para quê* e o *como*, exige-se a definição prévia dos aspectos quantitativos e qualitativos. Não estaria nisso embutida uma intenção ideológica de pôr em dúvida pesquisas realizadas no campo das Ciências Humanas?

Em uma das aulas que foram publicadas no livro *Lektsii po pedologii - Aula de pedagogia* (2001), Vigotski trata da questão do método em pesquisas científicas. Para ele, assim como cada ciência tem seu objeto de estudo, ela tem também o seu método e, assim como cada ciência tem seus objetivos específicos, então, é claro, que toda ciência elabora também seus próprios métodos: “Nesse sentido, pode-se dizer que, da mesma forma que não há um campo da ciência sem seu objeto, também não há nenhuma ciência sem método” (VIGOTSKI, 2001, 32).

Em outra obra, mais precisamente, no capítulo dois do livro *Michlenie i retch - Pensamento e fala* - (1934), mais conhecido no Brasil como *Pensamento e linguagem* (1987) ou *A construção do pensamento e da linguagem* (2001), Vigotski apresenta uma análise das investigações de Piaget sobre o desenvolvimento do pensamento na criança. O pensador soviético faz um elogio ao estudioso suíço pela introdução de uma nova opção metodológica de investigação científica, o método clínico, e diz que a força e a originalidade deste método colocam Piaget em um dos primeiros lugares na metodologia da investigação psicológica transformando esse método em um instrumento insubstituível nos estudos das formações complexas e gerais do pensamento infantil no processo de desenvolvimento (VIGOTSKI, 2001, p. 22).

No entanto, segundo Vigotski, Piaget não conseguiu superar o dualismo e quis se esconder da crise em que a psicologia estava mergulhada naquela época, em um enorme muro de fatos. Ao fincar sua bandeira na terra do empirismo, Piaget desviou-se, conscientemente, das generalizações. Além de fatos, não queria saber de mais nada e, afirmou que apenas analisou dados. É sobre essa decisão que Vigotski desfere sua crítica mais contundente a Piaget, dizendo que quem analisa dados, inevitavelmente, os analisa à luz de alguma teoria; os fatos estão almagamados à filosofia, ou seja, com uma visão de mundo. Para Vigotski, o fenômeno serve apenas de apoio para a teoria ou contribui para refletir a respeito dos horizontes que se abrem com a metodologia da investigação. Segundo o autor, “quem quer encontrar a chave para esse conjunto rico de fatos deve, antes de tudo, desvendar a filosofia do fato, sua extração e compreensão. Sem isso os fatos permanecerão mudos e mortos” (VIGOTSKI, 2001, p. 23).

Não é diferente nas pesquisas bibliográficas. Os dados que obtivemos, ao longo das leituras das obras, são analisados à luz da teoria que escolhemos e, como afirma Vigotski, dizer que uma pesquisa não está baseada em nenhuma teoria já revela uma posição ideológica assumida.

Ao iniciar a minha pesquisa, guiei-me por algumas hipóteses e alguns dados que tinha à disposição. Precisava de mais, muito mais para responder à questão que levantara: “será que as traduções das obras de L.S.Vigotski no Brasil introduziram uma confusão na compreensão de alguns conceitos por ele elaborados?” Então, busquei biografias para encontrar fatos da vida do pensador que levassem a esclarecer informações desconhecidas e desfazer certos mitos criados sobre sua trajetória de vida. Era importante também procurar autores que pudessem me ajudar na discussão sobre a atividade de traduzir e pensar a respeito do papel do tradutor ou, como diz Walter Benjamin, na tarefa do tradutor. Li e reli as obras de L.S.Vigotski editadas em diferentes idiomas e por várias editoras, comparando diversas traduções com os originais russos.

Como qualquer projeto de trabalho acadêmico, seja monografia, dissertação ou tese, o meu mudou de rumo várias vezes. Esse também é um aspecto que precisa ser levado em consideração,

já que tomar rumos diferentes dos inicialmente estabelecidos não significa abrir mão do rigor na pesquisa, e sim vislumbrar outras possibilidades, abrir novos horizontes. Descobrir que os trabalhos de Vigotski foram cortados e censurados em seu próprio país me levou a tomar decisões diferentes das que havia apontado no início.

No começo, pensei em encontrar trechos que estavam mal traduzidos, transcrevê-los e apresentar uma nova tradução. Esse era o meu projeto inicial. No entanto, ao me inserir no grupo de estudo de orientandas da professora Elizabeth Tunes que estavam, assim como eu, cursando a pós-graduação na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, as contribuições das discussões coletivas começaram a indicar para outros caminhos. O grupo reunia-se de duas a três vezes por semana para leituras coletivas de obras de diferentes teóricos. A seleção dos autores para estudo é feita em comum acordo, mas sempre privilegiando os trabalhos em andamento. No momento em que eu estava elaborando a minha tese, as leituras envolveram os trabalhos de Vigotski. Sentávamos à mesa com diferentes edições em várias línguas: edições brasileiras, norte-americanas, espanholas, argentinas, italianas, francesas e soviéticas.

As leituras e os estudos coletivos possibilitaram a comparação entre as traduções e a discussão das inconsistências encontradas. Eram muitos trechos que apresentavam traduções de termos e conceitos importantes da teoria de Vigotski e que deturpavam seu pensamento. Logo se percebeu que era preciso escolher outro caminho, pois apenas transcrever os trechos das traduções brasileiras e apresentar uma nova tradução, na tentativa de demonstrar os pecados cometidos pelos tradutores no Brasil, transformaria meu trabalho num enorme compêndio de passagens de textos do autor. Se seguisse esse caminho, o leitor perderia a noção da obra como um todo e da relação entre determinado conceito e as ideias desenvolvidas pelo autor. Era preciso assinalar e analisar as inconsistências na relação com a teoria e, num certo momento, o material acumulado começou a guiar a pesquisa, apontando para outro caminho que desaguou na discussão de conceitos mais conhecidos e tão banalizados no campo da educação e da psicologia e que haviam sido deturpados pelas traduções.

A discussão inicial na tese teve como foco a trajetória de Vigotski e empreendeu-se uma tentativa de destacar e analisar alguns fatos, mitificados no ocidente, relacionados ao contexto histórico em que ele viveu e trabalhou. Além de traçar uma breve linha do tempo, comparando duas biografias - uma escrita por sua filha em parceria com T.Lifanova e a outra de autoria de M.Iarochevski - destaquei fatos marcantes na trajetória de Vigotski para elucidar algumas informações sobre sua vida pessoal, sua filiação ideológica, sua produção teórica, entre outros assuntos. Um exemplo é a discussão em torno do próprio nome da teoria, mas não posso me esquecer também de ressaltar as diferentes grafias utilizadas para o nome de Vigotski, colecionadas ao longo da elaboração da pesquisa.

Em diferentes trabalhos, ainda hoje, é possível encontrar divergências quanto ao nome com o qual se referem à teoria de Vigotski. Entre os mais frequentes estão sociocultural e sócio-histórica. Em função disso, uma discussão se apresentava. Então, busquei argumentos que me ajudassem a desvendar o porquê de a teoria ter recebido as denominações citadas. Apesar de se referir à teoria como sócio-histórica, no obituário que fez após a morte de Vigotski, é de Leontiev uma das melhores definições para que a teoria assumisse o nome histórico-cultural e apenas com uma frase Leontiev evidencia como os conceitos de história e cultura se articulam: “as funções naturais, ao longo do desenvolvimento, são substituídas pelas funções culturais, que são o resultado de assimilação dos meios historicamente elaborados para orientar os processos psíquicos” (LEONTIEV, 1983, p. 25).

Curiosidade peculiar despertaram também as diferentes grafias do sobrenome *Выготский*.³ Procurando a razão para inúmeras formas de transliterar o sobrenome do pensador soviético, encontrei um fato interessante. Vigotski foi o único em sua família a dotar o “t”, sendo que todos os outros parentes, inclusive suas filhas, preservaram o “d”. Encontrei também diferentes versões a

³ Entre as diferentes grafias encontradas estão Vygotsky, Vygotski, Vigotsky, Vygotskii, Wygotski, Vigotski, Vuigotskij.

respeito do porquê dessa mudança no sobrenome: umas dizem que Vigotski afirmava que a família era oriunda de um lugarejo chamado *Vigota* e por isso deveria se usar o “t”; uma outra explicação dizia que ele mudou a letra para não ser confundido com o seu primo David Vigodski; a terceira lenda diz que o sobrenome Vigodski tem origem na palavra “vigoda” o que em russo quer dizer vantagem e Vigotski não gostava dessa associação.

Antes de me debruçar sobre a análise dos conceitos da teoria histórico-cultural que haviam sofrido adulterações nas traduções no Brasil, era necessário definir o que compreendo por este trabalho. Por tratar de inconsistências de traduções, uma discussão se apresentava: o que é traduzir? Para isso, busquei autores que discutissem o assunto para além das questões apenas práticas desta atividade. Encontrei alguns que me ajudaram a refletir a respeito do assunto e, apoiando-me neles, defini que tradução não poderia ser entendida apenas como uma transposição de frases de uma língua para outra. É preciso assumir um compromisso ético na atividade de tradução e, como percebi, essa questão não é muito discutida entre os próprios tradutores. Então, a palavra tradução foi definida como um processo de criação e tradutor como o servidor da verdade e suporte da alteridade do autor. No sentido Buberiano, esse profissional recolhe-se para dar passagem ao pensamento do autor para fazer com que suas ideias surjam com toda força na língua para qual se está traduzindo; no sentido Flusseriano, o tradutor aniquila-se para que as palavras do original continuem a iluminar o leitor. E é com base nesse postulado ético que analiso as traduções de Vigotski no Brasil.

Para realizar a discussão que pretendia fazer, tentei seguir o caminho trilhado pelo próprio Vigotski – do geral para o específico. Antes de tratar dos conceitos, era preciso resgatar a trajetória de sua obra em seu país e no Brasil, sem deixar de mencionar as edições norte-americanas, espanholas e argentinas. Esse foi o modo de apresentação da pesquisa bibliográfica que encontrei, pois identificava o lugar de cada termo e conceito no âmbito da teoria. Ao destacar os conceitos selecionados para uma análise mais específica que seria feita adiante, eu os relacionava com a produção teórica do autor. Essa maneira de investigação é também uma peculiaridade da teoria histórico-cultural: pode-se destacar e estudar o específico, mas sempre analisá-lo na relação com o todo.

Outra característica da pesquisa realizada é que, em cada análise dos conceitos eleitos, procurei argumentar com base na própria obra de Vigotski e também nos trabalhos de seus colaboradores. Muitas descobertas foram possíveis graças aos registros deixados por seus colegas e alunos. E um trabalho extremamente teórico pressupõe não apenas leituras, buscas, mas também escolhas e seleção de informação, senão, corre-se o risco de virar um amontoado de informação que apenas indica, mas não analisa.

Por fim, é importante ressaltar que a teoria criada e desenvolvida por Vigotski não é fechada, ela é aberta, inacabada. Não é à toa que várias outras teorias foram desenvolvidas com base nela. Um exemplo pode ser a teoria da atividade de Leontiev. Talvez, essa seja a característica mais importante da teoria histórico-cultural, pois, ao longo de seu caminho mudou de rumo e Vigotski não tinha medo de apresentar novos modos de pensar sobre os fenômenos do desenvolvimento humano. Seus horizontes eram amplos. Ele viveu numa época em que havia muita liberdade intelectual, talvez a maior que a Rússia já teve, pois era possível ter acesso a obras de autores dos mais diferentes países e das mais diferentes teorias. Seus textos são verdadeiras aulas de como podemos aprender com o método de Marx, partindo da análise do que está posto, posteriormente, fazendo a crítica e, ao final, apresentando a tese. Esse é o método de Vigotski, compreender isso ajuda na leitura de suas obras e na análise de seu pensamento.

Realizar uma pesquisa científica não é uma tarefa fácil, mas, sem dúvida, o mais importante é ter clareza de onde se quer chegar. Os caminhos para se chegar ao objetivo podem ser diversos e permeados de surpresas, surpresas estas que não devem ser percebidas como desvios e sim como possibilidades criativas. Temos uma compreensão de que os textos acadêmicos devem seguir

um modelo rígido, uma linguagem “padronizada”, deixando à margem o papel que tem a criação nesse tipo de produção. Fazer ciência é criar e, numa pesquisa bibliográfica, por mais que ela esteja baseada no que está escrito, há possibilidades de criar e isso, de maneira alguma, rompe com o rigor de uma pesquisa. Desse modo, é preciso não ter medo de ousar e de inovar. O rigor metodológico em qualquer pesquisa é também uma criação.

REFERÊNCIAS

LEONTIEV, A. N. *Izbrannie psirrologuitcheskie proizvedenia*. Moskva: Pedagoguika, 1983.

VIGODSKAIA, Guita Lvovna & LIFANOVA, Tamara Mirrailovna. *Lev Semionovitch Vigotski: jizn, deiatelnost, chtrirri k portretu*. Moscou: Smisl i Smisl, 1996.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. *Lektsii po pedologii*. Ijevsk: Izdatelski dom, Udmurski Universitet, 2001.

Recebido em: 05 de dezembro de 2011.

Aprovado em: 20 de janeiro de 2012.